

Desafios do planejamento escolar em 2021

Part. Cláudia Costin



Microfone Aberto: transcrição do episódio com Cláudia Costin

Meu nome é Cláudia Costin, sou professora universitária e diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas. Eu comecei minha vida profissional como professora de Educação Básica. Fui secretária de Educação do município do Rio de Janeiro, professora do mestrado em Educação em Harvard e diretora global de Educação do Banco Mundial que integra o sistema das Nações Unidas. Mais importante do que tudo, sou apaixonada por Educação. Obcecada por uma Educação de qualidade para todos, para cada um. Eu vou falar do planejamento escolar para vocês nesse período pré-crise. O que não pode faltar no planejamento escolar em qualquer circunstância. Evidentemente que o planejamento escolar envolve a definição do projeto pedagógico daquela escola, de uma forma alinhada com o planejamento da própria secretaria, se for uma escola pública e do currículo municipal e estadual, que são a tradução da Base Nacional Comum Curricular para aquele território. Além disso, o planejamento escolar demanda planos de aula. Em situação ideal e para muito contemporânea com o século XXI, esses planos de aula devem ser feitos colaborativamente entre os professores. Pensarem juntos as aulas, inclusive, professores de disciplinas diferentes. O trabalho no século XXI é um trabalho muito mais colaborativo, e a escola é onde se aprende a construir colaboração. Nesse sentido, cabe um alerta para gestores escolares, que quem cria essa cultura de colaboração de se dedicar à escola é o diretor ou a diretora daquela unidade escolar. Outro ponto importante de planejamento escolar pré-pandemia é a organização do ambiente de aprendizagem. Muitas vezes se imagina que o importante é só o que o professor fala, mas também é importante desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio, inclusive, no Ensino Profissional, é se ter à mão tudo o que a gente precisa para a aula ser interessante, instigante bem feita. E um alerta aqui para os professores de Educação Infantil. Muitas vezes também se imagina que essa etapa da escolaridade é uma etapa que o que interessa é a criança brincar. Então, se preconiza, por vezes, o livre brincar separado da organização do ambiente de aprendizagem. Mas, se aquele grupo de crianças quer aprender, por exemplo, sobre sapos, eles precisam ter imagens de sapos lá, eles precisam ver um sapo de verdade, eles precisam explorar. Então, é fundamental no planejamento escolar olhar tanto para o que vai ser ensinado naquele plano de aula, quanto para a organização do ambiente para aquela aprendizagem. Mas estou falando num mundo normal, num mundo que a gente vivia pré-pandemia. Não é que isso deva

ser descartado, mas a pandemia trouxe uma série de questões. Uma delas é todo o sofrimento que está associado a ele, todas as questões emocionais que trouxe. A outra é: durante muito tempo, e ainda vivemos isso parcialmente, a impossibilidade de se ter aulas presenciais. Nesse sentido, cabe planejamento ou para 2021 não teremos planejamento? Lógico que não. O planejamento torna-se ainda mais importante. O que aconteceu na pandemia? Nós descobrimos que o planejamento, incluído, aí, a definição recursos que vamos usar, é ainda mais importante quando a aprendizagem é remota. Então, eu preciso saber se os alunos têm conectividade, eu vou dar um estilo de aula se eles tiverem, se os alunos não têm, ou uma parte deles tem e outra não tem. Então, eu posso ter alternativa de mídias e de planos de aula para situações diferentes em muitas redes de ensino. Deram aulas em plataformas digitais, com opções para televisão, para rádio e com cadernos pedagógicos que complementavam isso. E um aula, mesmo por meio digital, às vezes são necessários objetos para serem mostrados para os alunos, uma sequência, um cálculo do tempo. Nós aprendemos, houve um processo de aprender fazendo - os americanos chamam isso de Learning by doing, aprender fazendo, muito intenso com a pandemia, e que as primeiras aulas nas plataformas, alguns professores me contaram, eram horrorosas. Eles não conseguiam fazer.

Eu não só fui professora de Educação Básica, como tenho uma filha professora, eu acompanho a discussão de inúmeros professores. E as aulas iniciais nas plataformas eram muito frágeis porque ninguém estava preparado para aquilo. Houve um processo de aprender. Como uma aula expositiva no presencial é de um tipo, numa plataforma digital é diferente. Além disso, as plataformas digitais incluíram a gamificação, a possibilidade de fazer jogos para lidar com fixação Vou pegar alguns exemplos. São jogos muito interessantes, tanto para crianças que estavam em processo de alfabetização, quanto para lidar com frações, com outras modalidades de aprendizagem. Mas, a presença do professor nas plataformas digitais, na curadoria de Recursos Educacionais Digitais (REDs) foi também muito importante. Como também foi importante o professor ter aulas em que, mesmo à distância, se trabalhava com metodologias ativas, com mão na massa. Eu fui do júri do Prêmio Shell de Iniciação Científica e de Educação Científica e vi trabalhos incríveis que os professores, à distância, fizeram com os seus alunos, muitas vezes, integrando mais de uma disciplina, alunos de Fundamental II e Ensino Médio integrando Ciências com Matemática, de uma maneira muito interessante. Mas, isso não é só nas plataformas digitais. Aulas na televisão. O Brasil aprendeu muito, já desde os anos setenta, sobre ensino na televisão. Não preciso falar do Telecurso 1º grau, o Telecurso 2º grau, que, para os mais jovens que nos ouvem, quer dizer Fundamental I e Ensino Médio. Tantas coisas interessantes que podemos fazer com o uso da televisão. Só que a televisão tem um problema. Ela não permite uma interatividade tão adequada quanto uma plataforma digital. Por isso que os cadernos pedagógicos tiveram que ser planejados junto. Ou aulas na rádio. Alguns municípios conseguiram até fazer aula em rádio com conectividade. Acho que com interação, não com conectividade. Fazendo com que os ouvintes pudessem ligar para a rádio e comentar, discutir e fazer suas perguntas. Tudo isso é para dizer que, nessa etapa de isolamento, foi muito necessário o planejamento de aulas, e a gente aprendeu com isso tudo. Muitos professores se reinventaram nesse período, aprenderam a usar mais o seu potencial, tiveram novas aprendizagens. Só que nada substitui a aula presencial, a aula com o professor, especialmente, para crianças e

adolescentes. Muitas famílias não tinham os adultos presentes, com crianças sem maturidade para conseguir saber o horário certinho que deveria ligar a televisão, ou o rádio, ou ir para a plataforma, porque os pais tinham que buscar alguma fonte de renda. Ou os pais estavam tão imersos no teletrabalho, que não conseguiram ajudar. Então, houve uma série de problemas.

Na volta às aulas. Agora, vamos falar de 2021, mais diretamente. O que vai acontecer? Primeiro, há que haver um planejamento para a volta às aulas. Para como que ela vai acontecer. Que tipos de protocolos sanitários nós vamos ter que seguir. Como vai ser essa chegada de profissionais da Educação, primeiro, e de alunos, em consequência, para lidar com as feridas que todos nós acumulamos nesse período. Então, permitir um certo tempo para acolhimento, catarse, vai ser muito importante. Primeiro, dos profissionais de Educação, para que eles, em um ambiente protegido, possam pôr para fora o que deu errado, o sofrimento, a exaustão, a tripla jornada a que muitos professores são submetidos. Por outro lado, também, falar do lado do copo meio cheio. Permitir que os professores também contem como é que eles aprenderam a se reinventar. Porque não foram poucos. Eu tenho falado com professores que têm contado histórias incríveis de como eles foram aprendendo. Com poucos suportes, vamos ser honestos, muitas vezes, das suas secretarias. E depois, um momento, também, de acolhimento dos alunos. Também muitos alunos foram submetidos à violência doméstica, tiveram dificuldades imensas de ter a disciplina para todo dia aprender, às vezes, ficam cinco horas na frente de uma tela ou da televisão, ou de cadernos. Não tendo com quem tirar suas dúvidas, e aí é importante que eles falem disso. E também falem do lado do copo meio cheio, porque os alunos, também, muitos deles, desenvolveram a autonomia para aprender. O velho sonho da Maria Montessori, do Paulo Freire, de promover maior autonomia nos nossos alunos. Depois disso, não é o caso de, imediatamente, despejar conteúdo. É fundamental fazer um nivelamento das aprendizagens, e isso passa por fazer uma avaliação diagnóstica, planejar essa avaliação diagnóstica, para identificar, exatamente, quais são as insuficiências na aprendizagem que cada aluno tem. E o coletivo dos alunos também. E fazer uma revisão com eles do que eles deveriam ter aprendido no ano anterior, e criar, ao mesmo tempo, uma estratégia de aula em que eu possa combinar dois ritmos: alunos que estão na média e alunos que ficaram muito para trás – talvez esses precisem de mais tempo na escola. Os outros, a gente recupera a aprendizagem de uma forma mais convencional.

Lembrar que a volta às aulas, na maior parte das vezes, vai ser em revezamento. A volta será escalonada por série, e com revezamento de alunos, para diminuir o tamanho das turmas. Isso quer dizer que eles vão ficar alguns dias em casa e alguns dias na escola. Aí surge uma oportunidade incrível para implantar alguma forma de ensino híbrido. Quando eu digo alguma forma é porque não quero entrar naquela discussão conceitual sobre o ensino híbrido. Vamos lembrar que a humanidade foi aprendendo, não dando nomes para as coisas, mas vivenciando processos e, depois nomeando. Ou alguma forma de ensino híbrido. E aí, surgem duas possibilidades para as escolas. Uma delas, para quem tem condições de fazer isso, é o professor estar dando aula para um grupo dentro da sala, e essa aula é filmada e transmitida para as casas. Isso tem vantagens e desvantagens. Uma outra é o professor, ou grava um vídeo ou se utiliza de vídeos, que ele faz uma curadoria que já existem no YouTube, com a parte teórica da aula, isso é enviado, por meio de plataformas

digitais, para as casas, e pode ser de múltiplas maneiras. Pode ser até em grupo de WhatsApp, dependendo dos recursos que cada rede tem. E, na aula, com o grupo que está em sala de aula, o professor exercita a aplicação desses conceitos aprendidos no vídeo em problemas da realidade, inclusive, com prototipação de soluções para as escolas que têm Espaços Maker, que têm condições de fazer isso de uma forma mais adequada.

Então, eu estou falando de planejamento do processo, lembrando dois pontos importantes. Primeiro, nós vamos ter que visitar o currículo, porque não vai ser possível, em 2021, cobrir o currículo de 2020, o que ficou faltando, e o de 2021, pegando tudo o que está estabelecido no currículo. Então, nós vamos ter que fazer uma coisa que acabou sendo chamada de “o mapa de foco”. É selecionar quais são aquelas habilidades mais importantes de serem trabalhadas nesse ano, e quais habilidades podem ser deixadas para o ano que vem. Normalmente, essa seleção passa por olhar para aquilo que é base para habilidades que precisam ser desenvolvidas na sequência. Vou dar um exemplo muito prático. Ninguém aprende porcentagem se não sabe fração. Então, eu posso fortalecer a competência de fração e, eventualmente, deixar porcentagem um pouco mais para a frente. Mas, eu não posso passar por cima do fato de que na minha avaliação diagnóstica, por exemplo, eu descobri que dois terços da minha sala não sabe fração. Eu estou dando exemplos.

E, para terminar, eu acho que a serenidade é um bom conselheiro. O que eu estou chamando de serenidade. É não ficar aflito demais com o processo de ensino e aprendizagem esse ano. Esse ano de 2021 vai ser tão atípico quanto o de 2020, mas lembrar, também, que o uso adequado da tecnologia pode nos ajudar, se for bem construído, bem curado, a identificação de recursos educacionais digitais, a pautar etapas. Porque nós temos que lembrar que nossos jovens viverão um tempo bem diferente. Eu tenho 64 anos, então eu falo isso com a maior tranquilidade. Nossos jovens viverão um mundo que não foi o que a gente viveu. Eles vão viver o que ficou chamado de “revolução 4.0”, em que a inteligência artificial vai numa velocidade sem precedentes na História, substituindo o trabalho humano por máquinas, inclusive, o trabalho humano que demanda competências intelectuais. Então, os nossos alunos vão precisar aprender muito mais a pensar. A pensar criticamente, pensar sistemicamente, a integrar disciplinas, a fazer resolução colaborativa com criatividade. Então, mais do que decorar datas e fatos, mais do que decorar uma fórmula e aplicar em 40 exercícios quase idênticos, nós vamos ter que ensinar esse aluno a pensar historicamente, a pensar matematicamente, a pensar cientificamente. E o professor nunca foi tão importante como agora. Um professor com um bom planejamento colaborativo, e aí, vale não só colaborar dentro das escolas. Uma coisa que a pandemia mostrou são comunidades virtuais colaborativas, em que professores compartilham planos de aula. Eu acho que nós vamos aprender muito, apesar de todo o sofrimento que tivemos durante a pandemia, com o que aprendemos na dor.

Bom, o ensino remoto trouxe, até agora, vários desafios, como que mídia utilizar, como lidar com quem não tem acesso, como até fazer, como algumas redes públicas de ensino fizeram, visita domiciliar para reengajar os alunos ao processo de ensino e aprendizagem. Evidentemente, isso não é recomendado para todos os professores, mas

alguns professores fizeram isso, e com muita competência, inclusive, vários deles indo junto com a equipe da Secretaria de Desenvolvimento Social, com as assistentes sociais junto, muitas vezes, até com médicos. Então, foi uma experiência muito rica. Uma pergunta que me fizeram muitas vezes é: Como é que se faz a avaliação diagnóstica nesse contexto? E se o aluno 'colar'? É muito importante que a avaliação também seja um momento de aprendizagem. É extremamente importante passar para o aluno o conceito de que há uma relação de confiança. Apesar disso, há provas que são feitas com textos em que não se tem como monitorar se essa criança está meramente copiando do livro ou está tentando genuinamente verificar se ela aprendeu. Não por acaso, essas avaliações mais sofisticadas que lidam com isso são as mais adequadas para o século XXI. Porque nós não queremos ensinar nossos alunos a pensar e, não, simplesmente roboticamente, como se fossem robôs, repetir o que está no livro. Então, avaliações com perguntas abertas são muito mais adequadas para essa circunstância. E o professor vai verificar se esse aluno soube utilizar os conceitos aprendidos em problemas concretos com os quais ele não tinha lidado antes. E, aí, eu também aproveito e envolvo algumas competências socioemocionais importantes no século XXI, como abertura ao novo, me desafiar a usar um conceito em um contexto não conhecido, adaptabilidade, eu tenho que me adaptar a uma nova visão e, de novo, um pensamento crítico e sistêmico. Então, sim, a avaliação diagnóstica pode ser usada, inclusive, à distância.

Um cuidado muito importante no ensino remoto é olhar com muita atenção para a questão de equidade. As crianças e jovens estão em situações as mais diversas. Alguns, em ambientes mais afluentes têm, como eu disse no começo, os pais do lado, em teletrabalho, ou têm pais com um repertório cultural mais diversificado, que leem jornais, comentam os fatos correntes à mesa, têm livros em casa, têm materiais adicionais, sentam para tirar dúvida de seus filhos e conseguem fazer isso. Há um equipamento para cada criança que está estudando. Outros, em situação de vulnerabilidade, os pais não estão presentes, não há um equipamento para cada criança, às vezes não há nenhum equipamento para o processo de aprendizagem, e a aprendizagem acaba acontecendo na cozinha, com às vezes, três ou quatro crianças trabalhando juntas, com idades diferentes - os mais velhos não conseguem se concentrar porque precisam cuidar dos menores. Então, há que haver uma ajuda adicional para esses alunos em situação de vulnerabilidade. Um olhar diferencial, eu diria mesmo, uma ação afirmativa. Afirmativa quer dizer dar mais a quem tem menos. Então, se eu tiver que ter um grupo que vai ter mais tempo nesse revezamento necessário à diminuição do tamanho das turmas, esse olhar diferenciado deveria ser para quem está em situação de vulnerabilidade, quem não tinha como aprender na fase anterior.

Bom, eu conversei durante esse período todo com cerca de cinquenta secretários municipais e três estaduais. Vários deles me reportaram, especialmente, para alunos de Ensino Fundamental, a falta de equipamentos de seus alunos. Nesse contexto, o início de toda a mentoria foi olhar para as possibilidades porque havia, no começo, uma narrativa paralisante, que dizia mais ou menos o seguinte: Já que não há conectividade para todos, não faremos nada. Que teria sido, particularmente, cruel com as crianças e jovens que estão em escolas públicas. Enquanto as escolas particulares continuaram com atividades remotas quase que quatro dias depois do fechamento das escolas. Então, vamos olhar para as

possibilidades, e não para as impossibilidades. E chegamos mais ou menos à seguinte conclusão: Aqueles que têm uma parcela um pouco mais importante de seus alunos com acesso à internet deveriam avançar com plataformas digitais para aquela parte de alunos que conseguia. Por quê? Porque, ali iria para além de maior interatividade se construir a competência digital, tanto para os professores, quanto para a parcela de alunos que conseguia. Para os demais alunos, o mesmo conteúdo foi disseminado por meio de outras mídias, como rádio, televisão, onde isso foi possível, e cadernos pedagógicos que complementavam sua apostila. Esse olhar para cada aluno, na sua especificidade, na sua condição, foi importante, assim como foi importante também olhar para a questão da alimentação dos alunos que estiveram afastados da possibilidade de acesso à merenda escolar, que é um ponto que se fala muito pouco, mas que foi muito importante.

Então, a primeira recomendação é: Vamos olhar para todos os alunos, mas não precisa ser idêntico para todos. A gente vai construir aprendizados. Ao longo do tempo, alguns alunos que não tinham acesso às plataformas digitais, foram a partir, seja de compra de chips pelas redes, com pacotes de conteúdos Parker pago pela Secretaria, ou seja por doações que foram feitas pela sociedade civil, construindo em parte esse acesso, enquanto os outros foram aprendendo a trabalhar nas circunstâncias em que eles estavam. A outra recomendação que eu dei para os meus mentorados foi de documentar todo o processo. Ou seja, criar um portfólio de cada aluno e de cada escola. Monitorar se os trabalhos que os alunos faziam nos cadernos pedagógicos eram corrigidos com devolutivo para o professor, porque não havia interação síncrona, mas poderia haver interação assíncrona. Algumas redes criaram plantões de dúvidas, por grupos de WhatsApp ou na própria escola. E depois começamos a discutir também o planejamento para a volta às aulas. E as pequenas obras que seriam necessárias em cada escola para permitir distanciamento social, a implementação dos protocolos sanitários, a capacitação dos professores para seguir os protocolos sanitários, as conversas com as famílias sobre isso, que também foram muito importantes. E, sim, avaliações diagnósticas, ou mesmo, avaliações de aprendizagens feitas à distância.

Eu queria deixar uma mensagem final para professores, educadores, para toda a equipe escolar. Nós vivemos tempos extremamente desafiadores. Não sabemos até quando isso tudo vai. Os epidemiologistas têm me dito que nós, provavelmente, viveremos uma situação em que pandemias virão e irão embora, os fechamentos de escola acontecerão, as reaberturas acontecerão. Nós temos que estar prontos para um processo de ensino que olhe para a possibilidade de um fechar e abrir, e de preservação de um ensino híbrido durante muito tempo. Nós não aprendemos isso na formação inicial de professores. Ninguém nos preparou para isso. Mas, se nós olharmos para as gerações passadas, quantas coisas eles aprenderam, que a educação formal que eles receberam tampouco os preparava para isso. Falo com a maior tranquilidade, como filha de uma refugiada de guerra, que teve que lidar com aprendizados inacreditáveis. O mais importante, depois de tanto sofrimento, é a gente aprender a fazer do limão uma limonada. Ou seja, pegar tudo o que nós aprendemos e colocar em benefício da Educação. Nós tivemos que lidar, não só com fatos não planejados, mas com a falta de coordenação nacional de todo esse esforço que todos nós nos engajamos. Mas, nós aprendemos muito. Aprendemos como eu disse, há pouco, na dor. Aprendemos de uma forma muito complicada, e ainda temos várias cicatrizes e, eventualmente, dores adicionais a passar. Então,

vamos pegar tudo o que a gente aprendeu, em termos de nos reinventarmos, de colocar a Educação como uma atividade essencial. Ela não foi tratada dessa maneira pelas autoridades, mas nós, que somos obcecados por Educação, temos que colocar a Educação como atividade essencial. E nós descobrimos, por exemplo, que Educação pode acontecer em diferentes tempos e espaços. Não quer dizer que a escola é substituível, mas quer dizer que podemos ultrapassar os muros da escola. Vamos construir em cima disso o que nós aprendemos. Nós descobrimos que podemos utilizar diferentes mídias, e eu queria dar um elogio aos inúmeros educadores que foram fuçar, tentaram olhar para aquelas todas possibilidades e construíram aulas inacreditáveis. Vamos construir uma Educação que contemple esse aprendizado. Vamos aprender a trabalhar cada vez mais juntos. Porque, mesmo à distância, nós soubemos colaborar. Eventualmente alguns professores me disseram isso: nós colaboramos mais agora do que quando a gente estava na escola física. Vamos trazer para a escola física a colaboração que nós construímos, muitas vezes, de forma isolada. E vamos, sobretudo, em tempos em que o ressentimento pelo sofrimento vivido, muitas vezes é direcionado ao inimigo errado, falarmos uns com os outros com menos ódio. Educar crianças e jovens para uma convivência muito mais harmoniosa, construtiva, em que a opinião do outro, por ser diferente da minha, não me agride, e nem eu agrido o outro por ele pensar isso de mim. Essa é a base para a construção de um mundo de mais paz, de mais, não só tolerância com a diversidade, mas até de celebração da nossa rica diversidade. Era isso que eu queria falar para vocês hoje.